

e ajudou-a a vestir-lhe o meu corpo molle tendo ficado muito contente com ella por ter resolvido pôr hoje aquelle vestido que lhe ficava tão bem. Eu quiz dizer qualquer coisa que me não lembra mas a minha bôcca disse sem querer em italiano: traga-me os sapatos de velludo! Mas a creada sem gestos que confirmassem o que dizia poz-se a declamar cadenciadamente: Porque o desejo tem limite e quando se é homem, isto é, quando se não attingiu ainda uma forma das immediatamente superiores ao genero humano tudo o que aspire o ao-de-lá prehenche a deficiencia mais proxima plo deslocamento da intellectualidade sem intervenção de nenhuma das duas vontades. Depois, saiu do quarto por um instante e a voz d'ella continuou a declamar da mesma distancia: Se tua mãe fôsse viva não tinhas tu um galgo que te lambe as mãos. O galgo lambe-te as mãos por tua mãe te ter morrido. Se tua mãe não tivesse morrido com pênna de te deixar o galgo não te lambia as mãos. Se tua mãe não tivesse morrido antes de te fazer sentir o grande amor que ela sentia por ti não tinhas tu um galgo que tem a mania de te lambe as mãos. Se tua mãe não se sufocásse no desejo de querer por fôrça que tu soubésses, dentro dos teus 2 annos, que ella estoirava no excesso de uma paixão por ti não tinhas tu um galgo damnado que te morde as canellas se o não deixas constantemente beijar-te as mãos. E' que todo esse excesso de paixão eternizou-se em transparencia e foi-se adaptando pouco a pouco no cérebro do teu galgo, elemento de vida mais proximo de ti. Mas não te creias feliz porque toda essa raiva do teu galgo tem a consciencia dos sentidos vivos de tua mãe. Essa massa fluída e indesagregavel que é toda a energia da paixão de tua mãe por ti tem a consciencia de se ter acondicionado no crâneo do teu galgo. Por isso tua mãe tem a maldição de assistir á lucidez da sua intelligencia na inexpressão do teu galgo que te lambe as mãos por uma vontade alheia á do teu galgo e diferente à da tua mãe.» E ainda esta dissertação não tinha terminado e já a creada tinha voltado co'os sapatos de velludo. Eu estremeci sacudido por um choque tão violento como se o proprio Sol se suicidásse de lá de cima sobre a minha cabeça e nos tivéssemos esmigalhado os dois em escuridão. Mas Eu não era Eu nem Eu era a minha amante. Eu era apenas a minha intelligencia fechada dentro da cabeça da minha amante e sem comunicação absolutamente nenhuma co'a minha amante. Eu tinha a excitação extacticamente atropelada da paralyisia geral mas o meu cérebro pretendia rebentar em congestão de estrondo que parásse a terra estampada contra o Sol como uma laranja esmigalhada que deixásse o Sol todo apagado em nódoa nêgra de sangue pisado. E era a bocca d'ela que a minha intelligencia via plo espêlho e que tão longe da minha Dôr perguntava á creada se não tinha outro avental para pôr. De repente o Eu vê-la plo espêlho já não era de tão alto.